



## Trajectoria intelectual de Edgard Carone: origem social, a universidade e o engajamento político.

FABIANA MARCHETTI\*

*“Deve-se notar que a elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas de acordo com processos históricos tradicionais muito concretos.” (GRAMSCI, 1979).*

### *O lugar social na formação*

Filho de imigrantes libaneses, Sarah Hachen e Sharkir Jorge Carone, Edgard Carone nasceu em São Paulo, no dia 23 de setembro de 1923. A família contava ainda com seus quatro irmãos: Maxim Tolstoi, Jorge, Mário e Raul.

Deste núcleo partimos para realizar o percurso de sua formação, pois no seio familiar muito foi desenvolvido para o seu amadurecimento intelectual e político. No entanto, não se trata de realizar uma ode ao papel da família na educação do indivíduo, mas sim de localizá-la na dinâmica da sociedade paulistana desde o seu nascimento, e mapear a forma como se inseriu numa geração intelectual. Como se desenvolveram as condições materiais, os hábitos e uma rede de relações, os quais criaram as condições se tornar o historiador que foi?

Edgard Carone pertence a uma privilegiada geração, nascida na São Paulo do início do século XX quando o capitalismo, reorganizado ao longo do XIX (LÊNIN, 1917), consolida novas relações político-econômicas entre os países centrais e periféricos, as quais propiciam o seu desenvolvimento nestes territórios de modo particular em relação ao que se desenvolvera no momento anterior. Desse modo, o Brasil foi atravessado por transformações que, embora calcadas na sólida base agrário-exportadora do país, impactaram em muito o ambiente urbano, sobretudo, os centros mais consolidados, como era o caso da capital paulista. Esses espaços cresceram e se reorganizaram com a introdução da energia elétrica, a instalação de indústrias, a imigração, entre outros:

O período áureo é o da República (...). O aumento populacional é fruto não só das recentes fontes de riquezas - que se distribuem entre o comércio, a indústria e a agricultura (...). De certa maneira, à medida que as estradas de ferro avançam, acompanhadas pela formação de novas fazendas, temos, entre outros resultados, o aparecimento de centros urbanos e o crescimento dos já existentes. (CARONE, 2001)

O privilégio de ter nascido neste contexto reside na possibilidade que tiveram os seus contemporâneos em viver essas mudanças de perto, formar-se a partir delas, sentindo os seus

---

\* Mestranda em História Econômica pela Universidade de São Paulo, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.



impactos concretos e podendo refletir sobre eles no calor da hora. Uma São Paulo de geografia irregular e ainda recortada por rios nos anos 30, foi rapidamente se transformando numa grande metrópole (LÉVI-STRAUSS, 2001). Só para tentarmos apreender uma dimensão daquilo que viveu Carone e seus contemporâneos, tomemos os dados populacionais da capital paulista: a cidade possuía cerca de 240 mil habitantes em 1900, passa a 580 mil em 1920, superando os 10 milhões ao fim do século. Se formos a fundo e qualificarmos esses dados veremos uma dinâmica intensa em vários aspectos de sua composição social. Dentro disso, destaca-se a presença de imigrantes estrangeiros, que nos anos 20 eram mais de 35% desta população (IBGE, 2004).

O crescimento urbano pode ser medido de várias maneiras: aumento populacional; diversificação das atividades artesanais e, em alguns casos, industriais; aumento do número de prédios etc. É necessário que, para isso, leve-se em conta o contraste que se dá entre o início e o final da Primeira República. É preciso levar-se em conta, ainda, que a mudança é rápida, evoluindo para a transformação da velha estrutura da sociedade e de sua economia. (CARONE, 2001)

A família Carone faz parte da grande leva populacional que se instalou na cidade de São Paulo entre os séculos XIX e XX, passando pela trajetória típica de todos aqueles que buscavam oportunidades no novo mundo, mais especificamente a da comunidade libanesa.

Os libaneses entram no Brasil em dois momentos: em fins do século XIX, de modo esparso e irregular; e no início do século XX quando passa a ser um processo mais sistemático, numa curva crescente até a Primeira Guerra mundial. O registro de entrada das populações provenientes da região do Oriente Médio e Ásia era feito de modo genérico, sem respeitar as respectivas etnias. Os libaneses e sírios normalmente eram registrados como turcos ou turco-asiáticos. Em 1920 foram registrados, apenas na cidade de São Paulo, cerca de 20 mil habitantes provenientes dessa região (TRUZZI, 1992).

Diferentemente do que aconteceu com italianos e outros grupos europeus, a imigração libanesa foi feita de modo individual, por iniciativa dos chefes de família ou jovens. Geralmente vinha primeiro o homem que buscava as oportunidades para depois trazer a família. No início tinham uma identidade bastante fragmentada, que foi se reconstituindo na medida em que as gerações se instalavam e formavam uma rede de relações para viabilizarem a vinda de outros parentes e amigos. A própria dificuldade de se instalar fez com que a comunidade se concentrasse em algumas regiões da cidade, nos distritos da Sé e de Santa Efigênia; onde fundaram associações de colaboração, filantropia e cultura.

A família de Edgard se instalou na Rua Florêncio de Abreu, ainda na década de 20 (CARONE, 2002), conhecida por ser um reduto comercial dos libaneses em São Paulo

(TRUZZI, 1992). As cidades pulsavam nesse momento, especialmente São Paulo com a economia movida pelo café. Apesar de terem, em sua maioria, uma origem de agricultores, os libaneses imigrantes encontraram no comércio o espaço para se consolidar economicamente. Na verdade, o trabalho como mascate conciliava perfeitamente a lógica de vida de indivíduos sozinhos e sem amparo do Estado, que buscavam acumular riquezas para estabelecer condições de vida mais estáveis (TRUZZI, 1992).

A intensa dinâmica socioeconômica do estado de São Paulo propiciou a boa parte desses mascates, ao longo dos anos, a possibilidade de se tornarem comerciantes, ou a se dedicarem a outras atividades, na capital. Logo, constituiu-se uma cadeia pela qual os libaneses ascendiam nas relações socioeconômicas da cidade “mascate-varejista-atacadista-industrial” (TRUZZI, 1992). Essa prosperidade lhes conferiu a fama que permanece até hoje de serem bons comerciantes, austeros, com visão de mercado<sup>1</sup>.

Na medida em que se fortalecia no circuito econômico de São Paulo, a própria comunidade passou, conscientemente, a distanciar sua imagem da mascateação, ligando-a ao próspero comerciante, industrial ou capitalista. Forjou-se uma identidade calcada nos indivíduos que conseguiram enriquecer e fazer fortuna, como motivo de inspiração e orgulho. Esse processo demonstra, de modo geral, que a comunidade libanesa cria raízes, e busca se inserir na parcela da pequena burguesia e burguesia paulistana, não apenas economicamente, mas também socialmente, através de sua memória. Diversos recursos, desde as instituições filantrópicas até a constituição memorialística, foram necessários para superar as barreiras de inserção numa elite de tradições marcadamente aristocráticas. Tudo isso se refletirá também na relação destes imigrantes com a cultura e o ensino.

O pai de Edgard Carone passou pelo comércio e se consolidou como proprietário de uma casa bancária na capital. Chegou ao Brasil por volta dos 30 anos, tendo vivido duas experiências anteriores de emigração: uma na África do Sul e outra na Austrália (CARONE, 2002). Seu primeiro comércio foi uma loja de sapatos e camas:

Ao chegar no Brasil ele foi mascate; levava amostras das mercadorias nos trens e vendia em todo canto. Ele enriqueceu muito depressa. Na década de 1920 ele já tinha uma loja na Florêncio de Abreu. (CARONE, 2002)

Na casa de sobreloja nasceu Edgard Carone, que diz pouco se lembrar do Centro, pois logo a família se mudou pra a região do Paraíso, onde foi criado (CARONE, 2002). Além da

---

<sup>1</sup> Com a mesma confusão étnica que se tinha naquele período é notório o reconhecimento do “turco” como bom comerciante. Internamente as comunidades se diferenciavam em muito, mas a visão de fora replicou essa imagem aos diversos grupos étnicos vindos do Oriente Médio.

loja, Sharkir foi proprietário de uma casa bancária, o que garantiu a toda família uma situação bastante confortável, possibilitando até mesmo a aquisição de alguns bens, na maior parte das vezes penhorados em troca de dívidas de seus credores (CARONE, 1991).

Desse modo, é possível definir que o historiador será parte de uma família imigrante da pequena burguesia paulistana, mas dentro de um setor marginalizado da sociabilidade da elite tradicional composta, na maioria das vezes, por famílias de origem europeias, muito bem consolidadas nas atividades relacionadas ao setor de exportação e da indústria. É desse lugar social que irá desenvolver toda sua formação.

Quando jovem, passou pelo ensino secundário regular, chegando a estudar em escolas tradicionais, como o colégio Rio Branco, mas os primeiros anos da educação formal não foram assim tão decisivos, como ele mesmo relata. Sua formação foi precocemente autodidata. Para ele, a leitura e erudição eram estimuladas pelos pais:

(...) ele [o pai] era um homem que lia muito e chegou a escrever dois livros. Minha mãe também; ela estudou em uma universidade francesa. Ela lia bem francês e inglês. Meu pai lia e falava inglês. (...) Para as pessoas daquela época, eles tinham certa ilustração e bom senso. (CARONE, 2002)

Os libaneses, desde seu país de origem, tinham muita influência ocidental no ensino superior, principalmente por conta das missões universitárias estrangeiras. Isso levava a que muitos, apesar de virem para o Brasil “embrutecidos”, valorizassem a formação dos filhos, desde o ensino básico até o ensino superior, nas escolas de profissões liberais. Ter um doutor na família acabava sendo motivo de grande honra - ainda que não exercessem a profissão e acabassem cuidando dos negócios do pai, especialmente, porque com o ingresso nessas escolas aumentavam as possibilidades de inserção na sociedade paulistana (TRUZZI, 1992).

Edgard Carone não seguirá uma carreira liberal, a exemplo do que ocorrera com seu irmão Maxim<sup>2</sup>, também não vai cuidar dos negócios do pai. Ambos se formam na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), acompanhando um momento de reorganização do ensino superior no país e os novos ares da intelectualidade produzida nesta instituição.

No entanto, ressaltamos que é fora da universidade que Edgard inicia seu interesse pela cultura e o conhecimento. Uma espécie de interesse livre e desinteressado, como ele mesmo gosta de lembrar. Juntamente com o estímulo do ambiente familiar, os sebos da cidade serão o primeiro local marcante de formação para Edgard Carone, perpassando sua

---

<sup>2</sup> Em nenhum dos documentos analisados Edgard Carone irá falar dos outros irmãos.



trajetória desde muito jovem até a consolidação de seu trabalho intelectual na maturidade. Não eram instituições de ensino, mas constituíam um universo de títulos e novidades, o que o levou a tomar contato com obras e autores pouco comuns à sua geração:

Talvez, como exceção na minha geração, deixei de ser leitor de duas correntes de literatura importantes na época: os livros de Monteiro Lobato e a alemã, de conteúdo folclórico, editado pela Companhia Melhoramentos. A frequência aos sebos é uma das motivações para as minhas leituras. Ganhando mesada do meu pai, a dividia entre a entrada para o cinema e a compra de livros. No entanto, o fato de frequentar casas de livros usados e de entrar em contacto com infinidade de títulos esparramados pelas suas prateleiras - dos quais comprei parte mínima dos que me interessaram - acabou por condicionar parte do meu universo. (CARONE, 2010)

Entre as suas leituras da juventude estavam as histórias em quadrinhos, romances policiais e de aventura, com grande influência da cultura norte americana, recém-importada (CARONE, 2010). O cinema também será um veículo de influência direta em sua formação, com um viés mais social e reflexivo: “nas décadas de 1930 e 1940 voltava-se fortemente para a crítica social, que motivou as leituras que fiz de autores como Émile Zola, Victor Hugo, Steinbeck e centenas de outros.” (CARONE, 2010).

Os sebos serão um lugar sem igual aonde Carone irá se tornar um bibliófilo convicto. É interessante pensar que no contexto da cidade, sua formação acabava se concretizando num espaço relativamente marginal. Relativamente, pois de fato expressava os primeiros sinais de alteração na circulação de ideias e desta mercadoria, o livro, na cidade São Paulo. A emergência de locais mais acessíveis, fora dos grupos e associações de cultura ligadas às famílias ricas, das apresentações do teatro municipal, saraus e livrarias – muito próximas às casas de importação –, são sintomáticos. O cinema também revela o período de modernização e criação de condições para uma cultura de massa<sup>3</sup>. Edgard Carone, como vimos, não está sozinho nesse processo, toda sua geração estará inserida nele.

As transformações do ambiente urbano impactavam a sociedade paulista, mesmo os filhos de famílias mais tradicionais serão formados culturalmente a partir de espaços como estes antes de irem à universidade. Paulo Emílio Salles Gomes, por exemplo, fora um cinéfilo grande incentivador da cinemateca municipal. É possível afirmar que os novos espaços de cultura emergem nessa dinâmica social que impacta os hábitos dessa elite e, sobretudo,

---

<sup>3</sup> Sabe-se que é complexo falar em massificação da cultura num país culturalmente tão elitista e tão desigual, especialmente neste início de século. Apesar das particularidades que se possa ter é importante destacar o cinema como parte de um processo de massificação da cultura no Brasil, como no restante do mundo. Ver: Walter Benjamin. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 03.ed., 1987.



reconfigurando suas premissas ideológicas de classe que possibilitavam sua aproximação com ideias mais radicais.

Junto com o autodidatismo e o interesse “livre” pelo conhecimento, a figura do irmão, Maxim Tolstói Carone, será uma referência para o seu interesse por história, e um elo essencial na relação que irá desenvolver com a geração intelectual de seu tempo e a política.

Maxim estudou história na primeira turma da FFCL-USP, onde chegou a ser professor assistente da Cadeira de História da Civilização Brasileira (FFCL, 1953). Além disso, foi militante do Partido Comunista do Brasil e nos anos 30, foi membro dirigente da juventude comunista. Duas características significativas do processo de gestação de um pensamento radical e político que combinava a FFCL e a influência do marxismo no pensamento brasileiro. Há um processo de ingresso desses setores da pequena burguesia na intelectualidade brasileira que, em São Paulo, terá como espaço privilegiado formação e atuação a Universidade de São Paulo.

O irmão suscitou desde cedo o interesse de Carone pelos livros e por história, no entanto, o fator decisivo para incentivar esses prazeres foi a inusitada prisão de Maxim, no ano de 1940. A militância não era de conhecimento da família.

Casado há apenas 03 meses, torna-se um preso político do Estado Novo. A esposa busca ajuda dele e de amigos do casal, entre eles o primo Paulo Emílio, Antonio Candido, Lívio Xavier, Aziz Simão, entre outros. O jovem Edgard Carone se aproxima pela primeira vez desse círculo de pessoas, “gente ativa do ponto de vista político” (CARONE, 2002), ao dar apoio para a cunhada durante os dois anos que Maxim esteve na prisão. É um momento chave na formação do historiador, no qual se cruzam uma geração, a história e a política: “durante anos tive contato com Antonio Candido, Paulo Emílio, com toda essa gente. Então acabei me informando e entrando em contato com todo tipo de atividade política e intelectual.” (CARONE, 2002).

É neste momento então que se inicia a constituição do seu repertório propriamente político, antes de ingressar na universidade.

A partir deste episódio, tornou-se assistente de Aziz Simão, que estava quase cego e precisava de alguém que o ajudasse com as leituras. Foi então que tomou contato com o pensamento de esquerda e sua ação, introduzido de maneira privilegiada pelo didatismo de Aziz que o explicava muitas coisas.



Essa segunda fase é seguida de outra, mais de caráter político, que se inicia a partir de 1941, com a prisão de meu irmão - Maxim Tolstoi Carone. É a hora do contacto com os livros de Lenine, Stalin, Trotski, Boukharin e outros mais, que falam da Revolução de Outubro e da Rússia Soviética. Essas leituras se fazem paralelamente com obras sobre o Brasil. (CARONE, 2010)

Sendo assim, quando entra na Faculdade de Filosofia, no ano de 1944<sup>4</sup>, Edgard Carone já possuía uma bagagem intelectual significativa e um contato com a literatura socialista e o marxismo – temas que não seriam abordados no currículo da instituição.

### *O engajamento intelectual: a busca de uma geração*

Desde a sua criação, a Universidade de São Paulo (1934) se constituiu como um marco no processo de reorganização do ensino superior no Brasil. A renovação institucional foi acompanhada de uma renovação metodológica que pretendia romper com a tradicional forma de pensamento ligada às escolas jurídicas e aos institutos como, no caso da história, o IHGB e o Itamaraty. A chamada “Missão Francesa” irá formar o primeiro corpo docente da Faculdade com figuras que, mais tarde, tornar-se-iam consagradas nas ciências sociais:

A palavra missão, evidentemente, mostra que éramos vistos como uma terra de índios que deviam ser catequizados. Não há outra explicação. (...) A questão básica colocada na pergunta diz respeito à contribuição da missão francesa. Ela foi muito significativa, porque a Faculdade de Filosofia e a USP foram decisivas para a modernização das Ciências Sociais no Brasil (NOVAIS, 1994).

Esta modernização do ensino superior e das ferramentas de análise social, política e histórica se encontram em uma conjuntura favorável à emergência de pensadores perspicazes e propícios a romper com a ordem de ideias constituídas sobre o Brasil. O ambiente modernizador impactou a relação de setores jovens de elite com a produção conhecimento sobre a realidade brasileira. A própria estrutura social alterada propiciava com que setores marginais dessa elite e da classe média mais privilegiada pudessem acessar às novas instituições e influenciar no meio intelectual. Uma dinâmica que está evidenciada na própria trajetória de Edgard Carone como pertencente a uma comunidade imigrante que pôde aproveitar as possibilidades abertas na economia e na sociedade paulista.

Desde os anos 1930 se apresentam indícios de uma “Redescoberta do Brasil” (MOTA, 1980) com as obras de Caio Prado Jr. (1933), Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Holanda (1937)<sup>5</sup>. Esses autores são, ao mesmo tempo, a base da formação e, especialmente Freyre, da ruptura da geração seguinte, na qual incluímos Edgard Carone. Segundo Antonio

<sup>4</sup> Na entrevista do livro *Conversa com Historiadores Brasileiros*, Carone diz ter ingressado no ano de 1945, mas em consulta ao Anuário da FFCL seu nome consta na turma de 1944.

<sup>5</sup> Saliencia-se que esses autores já sofriam com a influência político-cultural da Semana de Arte Moderna e, especialmente Caio Prado, com a Fundação do Partido Comunista do Brasil, ambos em 1922.



Candido, estes são os pensadores que influenciaram os jovens de esquerda nesse período, “mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu após a Revolução de 1930.” (CANDIDO, 1995).

Nos anos que seguem, com a emergência do fascismo e nazismo na Europa e suas irradiações na sociedade brasileira, a tensão entre direita e esquerda se coloca de modo mais contundente para a sociedade. É daí que surge o grupo da Nova Geração, os *climatéricos*<sup>6</sup>. São estes os jovens intelectuais formados pela recém-estruturada FFCL os mesmos com quem o jovem Carone começou a se relacionar desde a prisão de seu irmão mais velho. Para eles não bastava apenas interpretar o Brasil, era necessário transformá-lo e ao intelectual caberia um papel político nesse processo. O marxismo e as teorias socialistas em geral marcam a postura do grupo.

Contudo, Edgard Carone não concluirá seus estudos em história na década de 40, nem mesmo seguirá carreira em consonância com os amigos da revista *Clima*. Um elemento de ruptura – a reprovação em tupi, em 1946 – dará outros rumos para sua vida, até a definitiva conclusão do curso de História no ano de 1969. Sobre isso, Edgard Carone diz:

Faltou uma matéria que era Tupi. (...) Eu não estudava, não lia essas coisas, lia apenas o que me interessava. Eu andava muito com Aziz Simão, com minha cunhada e os amigos. Ia muito na casa do Paulo Emílio, do Antonio Candido e do Aziz, quer dizer, minha vida intelectual na verdade ficou mias ligada aos amigos e às ideias dos amigos (CARONE, 2002).

Ao abandonar a Faculdade, Edgard Carone vai para a fazenda do pai em Bofete, então distrito da cidade de Botucatu. Será um longo período entre a entrada no curso de bacharel, como aluno, e a formulação de um projeto de estudo que o permitirá concluir o curso e, ao mesmo tempo, iniciar a carreira na academia representará um verdadeiro *gap geracional* para o historiador. O abandono da formação universitária institucional em 1947, para retornar a ela mais de 20 anos depois, colocou para ele os desafios e desafetos de sua inserção tardia nos quadros da universidade, quando o perfil geracional da instituição era outro e a profissionalização intelectual se encontrava mais sedimentada<sup>7</sup>.

Apesar de permanecer muito ligado aos amigos e de não ter abandonado seus livros enquanto estava na fazenda, com o passar dos anos, outros da geração vão criando raízes na universidade, fazendo carreira. Enquanto isso, Carone continua a desenvolver-se com base no

<sup>6</sup> Esse nome faz referência à Revista *Clima* criada pelos jovens estudantes uspianos na década de 1940. Ver: Alfredo Mesquita, Nos Tempos da Jaraguá. In: Lafer, C. et Alli. *Esboço e Figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Tânia Regina de Luca, em 10/11/2014, por ocasião de pesquisa para dissertação de mestrado – em curso.



seu autodidatismo, em seus interesses próprios pela leitura e compreensão da realidade, sem se preocupar com algumas regras que a instituição colocava para a produção intelectual. Há um processo de profissionalização em curso pelo qual o historiador não passará.

A ida para a fazenda fora uma escolha consciente, motivada mais por questões práticas, de um jovem prestes a se formar, do que pela intenção de se aproximar de outra realidade, utilizá-la como objeto:

Se eu ficasse na loja estaria numa condição financeira muito boa (...), mas aquilo não me interessava. Fiquei três dias e briguei com meu pai. Eu queria fazer coisas que estivessem dentro do meu ponto de vista. (...) Acontece que minha vida se fazia muito lateralmente, paralelamente à faculdade, eu não me importava muito com ela. (...) pensei (...). Vou lecionar ou vou para fazenda? (CARONE, 2002).

A relação com a Bela Aliança foi ganhando significado ao longo dos 12 anos ininterruptos vividos por lá. Era uma propriedade que o pai adquiriu a troco de dívidas, não tinha nenhuma atividade próspera, contava com alguns colonos que, muitas vezes, trabalhavam em sistema de parceria, em condições muito limitadas de produção, transporte, etc.. Quando chegou, Edgard Carone ainda não era casado e soube que os moradores duvidavam de que fosse “guentá”, “Só pelo desaforo decidi que iria aguentar” (CARONE, 2002).

Sem qualquer pretensão de ser um grande fazendeiro, o historiador apaixonado pelos livros sai da realidade urbana de São Paulo e se defronta com as dificuldades concretas da área rural, impactada pelas ações de modernização econômica do período. Desse modo, vem de encontro aos olhos atentos e à consciência crítica o modo de vida do interior paulista e a Fazenda Bela Aliança se configura como outro espaço de formação para o historiador: o da realidade brasileira. Apesar da distância, não há uma ruptura completa com a atividade intelectual. Pelo contrário sendo um verdadeiro apaixonado pelos livros, Carone se muda para o interior munido de uma grande carga de leitura coletada nos sebos de sua estima:

Acontece que eu sempre fui grande comprador de livros, principalmente nos sebos, porque sebo é a grande fonte da literatura do passado. Como grande parte dos problemas que me interessavam estavam ligados ao passado, história do socialismo, literatura socialista, literatura histórica de maneira geral, eu ia comprando tudo nos sebos muitas vezes por palpite. (...) Eu levei tudo isso para Bofete. (...) Eu fazia serviço da fazenda e quando voltava ia mexer com meus livros. (CARONE, 2002)

Foi ganhar a vida, mas não abandonou o hábito do estudo, desenvolveu-o de uma forma diferente, contando com dois aspectos de sua formação anterior. De um lado, os livros que colecionava compulsivamente e o habitual autodidatismo permitiram o cultivo do conhecimento fora das amarras institucionais que educavam as gerações dentro da

universidade. Por outro, mesmo que em suas memórias acabe afastando sua formação dos aspectos formais da instituição e da Faculdade de Filosofia, manteve algumas relações com a produção de conhecimento e os debates que eram fomentados dentro da academia.

Sem dúvidas, a figura de Antonio Candido é o elo essencial entre a atividade autônoma de Carone, na fazenda, e as principais ideias fomentadas no ambiente universitário. Com o passar dos anos, desde o episódio envolvendo Maxim em 1940, os dois foram se tornando muito amigos. A proximidade, o afeto e a afinidade geracional levam ambos a um trabalho de parceria em diversos momentos. Antonio Candido fora sempre mais dedicado à atividade intelectual sistemática, tornando-se um dos maiores incentivadores da vida universitária e cultural: “Centralizada em Antonio Candido, desenvolveu-se uma constelação com uma certa concepção de trabalho intelectual.” (MOTA, 1980).

Com o amigo não seria diferente. Candido relata ter sempre se preocupado em incentivar Edgard Carone a escrever. Era um homem muito estudioso que não se preocupava tanto em sistematizar suas ideias.<sup>8</sup>

O primeiro exercício mais sistemático de escrita para Edgard Carone, antes da publicação de seu primeiro livro foi a elaboração de algumas resenhas para O Suplemento literário de O Estado de São Paulo. Um espaço importante de difusão e enraizamento cultural das ideias da elite paulista, fundado em consonância com a FFCL (MOTA, 1980).

Há outro aspecto que fez do período que passou na Bela Aliança algo riquíssimo seja no âmbito dos estudos, ou das experiências vividas com o campo brasileiro que passava por diversas transformações naquele momento. A história do Brasil esteve no centro de suas leituras e inquietações:

Enquanto morei na Fazenda Bela Aliança (1948-1960) li, de maneira abundante, parte dos viajantes do século XIX, obras sobre a nossa história colonial, livros sobre a década de 1920 e o tenentismo, e a literatura política mais recente. Ao mesmo tempo, voltava-me para os clássicos do socialismo e os romances franceses, ingleses e brasileiros e a história em geral. (CARONE, 2010)

Um interesse que vinha de antes:

Vou te contar um caso concreto. Eu li bastante e estava muito entusiasmado com alguns movimentos militares e não militares daquele momento, por isso, pesquisei sobre as revoluções de 1922, 1924, 1930, 1932, 1937. Já se falava muito também no Tenentismo. Eu ia comprando praticamente tudo sobre esses temas nos sebos. (CARONE, 2002)

---

<sup>8</sup> Entrevista com A. Cândido, por ocasião da pesquisa para a dissertação de mestrado – em curso.



A Bela Aliança constituía um ambiente indiscutivelmente rico do ponto de vista dos impactos da modernização da economia nacional na cultura e economia agrícola, onde as contradições do êxodo rural da concentração de terras, da falta de infraestrutura se explicitavam de modo singular. Foi um dos principais locais de coleta e desenvolvimento da pesquisa que originou *Parceiros do Rio Bonito*, de A. Candido. É ali que o sociólogo ia se debruçar sobre os meios de vida do caipira, não só “como tema sociológico, mas como problema social” (CANDIDO, 2010). Mais que amigos, serão parceiros:

No capítulo de agradecimentos devo começar pelo meu fraternal companheiro Edgard Carone, a quem devo a oportunidade das estadias em Bofete e uma infatigável solicitude, que tornou possível a pesquisa. A sua experiência agrícola, seu conhecimento da região, sua cultura histórica, a sua excelente brasileira estiveram generosamente ao meu dispor, em alguns aspectos tratados na segunda parte, o seu auxílio se tornou verdadeira elaboração. (CANDIDO, 2010).

Houve um momento de estreita relação entre eles. O trabalho de Antonio Candido concretizava as premissas desta geração sobre o papel do intelectual perante a produção acadêmica. Primeiramente, ao considerar seu objeto de estudo como um problema social, o autor se coloca a serviço de um engajamento, reivindicando um caráter político à sua atividade. Em segundo lugar, Candido faz uma consideração teórica sobre o marxismo como o método que permitiu a ele considerar os meios de vida como elemento essencial para a análise sócio-histórica (CANDIDO, 2010).

Sem dúvida é essa concepção que perpassará também a visão de Edgard Carone quando for elaborar seus primeiros estudos de fôlego.

No ano de 1960, muda-se para a cidade de Botucatu. Após alguns anos na cidade será surpreendido por uma das visitas do amigo Antonio Candido:

Em 1963 meu amigo Antônio Candido vai a Botucatu, onde eu e minha família morávamos desde março de 1960. A sua temporada, de alguns dias, motivou reviravolta no campo do meu trabalho intelectual. (CARONE, 2010)

Nesta ocasião, surgirá a proposta para escrever seu primeiro livro: *Revoluções do Brasil Contemporâneo* (CARONE, 1965). Este será o seu primeiro trabalho de elaboração sobre a história do Brasil, organizando fontes e bibliografia. É relevante que seja fruto de uma intervenção direta daquele intelectual que, neste momento, já possuía destaque na intelectualidade *USPiana* e fora dela.

Este é um ponto de inflexão para o historiador, pois a concretização deste *pequeno-grande* livro será um processo embrionário para o desenvolvimento de um projeto político-



intelectual posterior. Especialmente, porque a redação de Revoluções do Brasil Contemporâneo será impactada pelo golpe de 1964.

VEJA: O que o levou a estudar a história brasileira desde a proclamação da república?

CARONE: No começo de 1964, eu me dedicava a um trabalho sobre o período de 1922 a 1938 (Revoluções do Brasil Contemporâneo). Mas os acontecimentos daquele ano levantaram uma série de questões para as quais não tinha resposta. Havia, por exemplo, uma clara contradição entre o que se dizia, o que se pretendia e o que se passava realmente. Resolvi então enfrentar essas contradições a partir do estudo do passado. (CARONE, 1976)

A partir desse momento, Edgard Carone irá se reinserir na universidade e pautar todo o desenvolvimento de sua atividade acadêmica, com uma motivação claramente política diante do retorno a um regime ditatorial no país – como aquele que aprisionara o irmão comunista e acabara em 1947.

Nesse momento Carone toma para si a perspectiva de ser um intelectual ativista colocando em prática um aspecto próprio de sua formação geracional. Aqueles que, ainda jovens na década de 1940, denunciavam a apatia e, em certa medida, o reacionarismo da intelectualidade brasileira, dedicavam-se à política e aos temas polêmicos da realidade. Ao lado destes Edgard Carone não poderia fazer diferente. Mesmo com seu afastamento temporário da universidade, não se afastou da tradição sob a qual foi formado. O retorno à vida acadêmica será permeado desta trajetória e dos aprendizados que teve com o irmão Maxim, e o grupo de radicais da Universidade de São Paulo.

A obra de Edgard Carone só pode ser compreendida se considerarmos essa busca incansável em concretizar um projeto que contribuísse para a compreensão da realidade brasileira, no passado e no presente. Intervir politicamente era uma premissa que não poderia ser deixada de lado por ele.

No ano de 1969, Edgard Carone irá retornar formalmente à universidade, já tendo publicado neste ano um segundo livro: A República Velha – Texto e Contexto. Uma publicação de documentos sobre a república brasileira até o ano de 1930 (CARONE, 1969). Já estava em curso o projeto de uma vida de estudos e dedicação intelectual.

Aos 46 anos Edgard Carone obterá o título de doutor com a tese União e Estado na Vida Política da Primeira República (CARONE, 1971), publicada em 1971 com o título República Velha II – Evolução Política. A conclusão do curso de história, coroado diretamente com o doutoramento, se dará numa universidade muito diferente. Toda aquela



geração da qual Carone fez parte, há muito deixara de compor o corpo discente e se consolidavam como professores da então Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Em 1970, inicia suas atividades como professor universitário na Fundação Getúlio Vargas e na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Araraquara. Será concursado na Universidade de São Paulo em 1976, onde defendeu sua livre docência alguns anos antes (1974).

Retomando a ideia de *salto geracional* que levou Edgard Carone de volta à universidade, considera-se que se desenvolveu uma relação complexa entre o indivíduo e o caminhar coletivo da trajetória intelectual de sua geração. Ao mesmo tempo em que se manteve próximo dos amigos, como A. Candido, que estavam muito ativos na academia, Carone não foi disciplinado dentro dos moldes que a instituição ia formando, na medida em que se cristalizava como o lugar da produção científica nacional. Isso provoca certo impacto em sua posição dentro da academia, positiva e negativamente.

Sob o aspecto positivo, Edgard Carone será um verdadeiro precursor dos estudos sobre a república (LUCA, 2003). Sua obra sobre o período só será concluída nos anos 80, como um verdadeiro projeto que só se encerrará na análise do Golpe de 1964.

Mesmo passados tantos anos e tendo se desenvolvido diversas pesquisas sobre a república, nenhum outro trabalho se propôs à audaciosa tarefa de fazer uma análise totalizante do período. Nenhum trabalho também foi capaz de propor uma nova divisão, concordando ou não com o caráter e com a importância de determinados processos, ainda hoje nos baseamos no que aconteceu na República Velha, na República Nova, no Estado Novo, etc.. Talvez só fosse possível fazer um trabalho com essa pretensão e naquele momento da historiografia, aliando-se à bagagem e à trajetória de um historiador pouco influenciado pelas amarras da instituição.

Embora seja o primeiro, ou ao menos um dos primeiros, a se debruçar sobre o tema, juntamente com Bóris Fausto e Emília Viotti (LAPA, 1973), parece que os anos 1960, especialmente após o golpe militar, abrem uma nova área temática para os intelectuais em geral e, especialmente, para os historiadores. Essa é uma constatação colocada na periodização proposta por C. G. Mota, e nomeada por ele como A Época das Revisões Radicais (1965-1969) (MOTA, 1980). Dentro disso, Edgard Carone inova, mas não está sozinho. Encontra-se num novo momento de renovação para o conjunto da intelectualidade



brasileira que se defronta com novos desafios, diferentes daqueles dos anos 40, mas com um mesmo sentido: o político.

Apesar de inovar e contribuir para o curso da historiografia é possível constatar que Edgard Carone parece nunca ter se encaixado totalmente na universidade da qual fez parte como professor. Os livros também não permanecem na historiografia com este significado que pudemos apreender.

Duas questões ficam para esta análise: apesar de se formar ao lado do grupo de jovens radicais, Carone não pertencia ao lugar social desses que vinham das famílias tradicionais da sociedade paulistana. Esse fator teria sido responsável pelo abandono da faculdade e de uma possível carreira na universidade? Ou, uma vez distante da instituição fora a sua trajetória individual que o deslocara das novas condições e características políticas da historiografia uspiana?

### **Referências Bibliográficas**

- AZEVEDO, F. *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1958
- ANDERSON, P. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental. Nas trilhas do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARANTES, P. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. Prefácio. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2010.
- CARONE, E. *A História da República: Escritos Autobiográficos*. In: Mouro. Revista Marxista. Núcleo de Estudos d'O Capital, no.02, 2010. p.p 155-164.
- CARONE, E. *A Primeira República: texto e contexto (1889-1930)*. São Paulo: DIFEL, 1969.
- CARONE, E. *A República em Capítulos*. São Paulo: Veja, n.368, 11/02/1976. p.p. 3-6.
- CARONE, E. *A República Velha II: Evolução Política*. São Paulo: DIFEL, 1971.
- CARONE, E. Entrevista. In: Moraes, J. V de &Rego, J. M. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CARONE, E. *Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001.
- CARONE, E. *Memórias da Fazenda Bela Aliança*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1991.



CARONE, E. *Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1965.

CARONE, E. *União e Estado na Vida Política da Primeira República*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971.

DEAECTO, M. M. *O homem e os livros: a obra de uma vida*. (in.) Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto (org.). *Leituras Marxistas e Outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.

FFCL. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: 1939-1949*. São Paulo: Seção de Publicações, 1953.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Formação da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Aniversário de São Paulo*. Jan./2004.

KONDER, L. *História das Ideias Socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LAPA, J. R. A. *A Primeira República: Dimensões Fatuais*. São Paulo: Revista de História da Universidade de São Paulo, 1973.

LÊNIN, V. I. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LUCA, T. R. *República Velha: Temas, Interpretações, Abordagens*. In: Silva, F. ET Alli. *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: Editora Unimeo, 2003.

MESQUITA, A. *Nos Tempos da Jaraguá*. In: Lafer, C. et Alli. *Esboço e Figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

MOTA, C. G. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Editora Ática, 1980.

NOVAIS, F. *Fernando Novais: Braudel e a "missão francesa"* (entrevista). *Estudos Avançados*, v.8, n.22, São Paulo Set./Dez. 1994.

SIRINELLI, J. F. *Os intelectuais*. in: Rémond, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

TRUZZI, O. *De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. Série Imigração. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.